GÉRALDINE SCHWARZ

(1974 –)



Géraldine Schwarz é jornalista e realizadora franco-alemã a residir na Berlim reunificado na sequência da queda do Muro em novembro de 1989. Foi correspondente da agência noticiosa France Presse (AFP) na Alemanha, colabora com vários media internacionais, e tem vindo a empreender desde há alguns anos uma investigação bastante extensa sobre o passado colaboracionista, negacionista ou passivo de vários povos europeus sob os regimes ou ocupações fascistas e nazis.

Para tal, debruçou-se sobre os arquivos dos serviços secretos federais alemães (BND), o que a fez desenterrar um comprometimento generalizado, e inclusive uma negação da gravidade e do horror dos crimes históricos, entre eles as perseguições e a "solução final" perpetradas contra os judeus, os ciganos, os homossexuais e os deficientes durante o IIIº Reich e os regimes políticos europeus aliados ou conciliantes para com o nacional-socialismo.

Partindo da história familiar, e numa perspetiva nitidamente pós-memorial que não deixa de lembrar o trabalho narrativo e historial da sua compatriota Anne Weber, Géraldine Schwarz chega a evocar o percurso de três gerações alemãs confrontadas quer com a experiência vivida do nazismo, quer com o trauma, inclusive a má-fé dessa herança, quer ainda com o mito de uma pretensa e mantida "resistência" face ao ocupante alemão, a qual apenas serve para encobrir uma conduta generalizada de *Mitläufer* (ir na onda): "Não estava particularmente predestinada a interessar-me pelos nazis. Os pais do meu pai não estiveram nem do lado das vítimas, nem do lado dos carrascos. Não se distinguiam por atos de bravura, mas tampouco pecaram por excesso de zelo" (9).

Assim, pois, *Les Amnésiques* [Os Amnésicos] (2017) – dedicado "aos pais", e que inclui fotos da época – pretende ser explicitamente, e antes de mais, um urgente trabalho de memória na, e acerca de uma Europa tentada quer pela negação do passado nazi ou colaboracionista, quer por uma crescente adesão ativa ou tolerância passiva face ao argumentário da extrema-direita em vários países europeus de hoje. Esta narrativa foi, aliás, premiada em

2017 com o Prémio do Livro Europeu 2017 na categoria “romance”; um galardão instituído pelo Parlamento Europeu no intuito de fomentar a adesão ao espírito e projeto europeus.

Neste trabalho narrativo e memorial, Géraldine Schwarz parte da cidade alemã de Mannheim, donde é natural o pai e onde viveram os avós sob o IIIº Reich até à sua queda e à emergência das duas Alemanhas do pós-Guerra. Nesta abordagem, descobre que o avô, Karl Schwarz, comprou a um judeu, Sigmund Löbmann, em 1938 e a preço de saldo, uma empresa em virtude das leis de “arianização” vigentes a partir da ascensão nacional-socialista. Ora, após a guerra, e confrontado com um herdeiro legítimo, o avô tentou não assumir as suas responsabilidades passadas.

Segue-se uma investigação cativante acerca dos indícios do trabalho memorial realizado (ou não) na Alemanha durante três gerações: “No seio da sociedade alemã reinava o que foi batizado de *Schlußstrichmentalität*, uma mentalidade propensa a pôr uma pedra sobre o passado. Tanto à direita como à esquerda, fazer toda a luz sobre os antigos crimes e perseguir os antigos nazis era impopular” (88).

No princípio das revoltas estudantis de 1968, o encontro do pai com a futura mãe – uma francesa, ainda por cima, filha de um “gendarme” sob o regime colaboracionista de Vichy – torna-se a ocasião de uma comparação com a França onde a amnésia e o mito da Resistência abriram uma porta perigosa à extrema-direita:

> Nos anos sessenta, a minha mãe pensava tal como os seus compatriotas, que a grande maioria dos franceses fora constituída por resistentes, cujo combate libertara a França dos alemães. O mito fixara-se logo nas primeiras horas da Libertação de Paris a 25 de agosto de 1944, quando o general de Gaulle exclamou: “(…) Paris liberto! Liberto por si mesmo, liberto pelo seu povo com a ajuda dos exércitos da França, com o apoio e a ajuda de França inteira, (…) da França genuína, da França eterna”. Na realidade, Paris não fora liberto pela Resistência, a qual lutara – ninguém o nega – corajosamente, mas estava por demais exangue para tamanho desafio: contudo, o exército americano concedera a de Gaulle que deixasse entrar primeiro a divisão francesa do general Leclerc. (…) Por cima dessa mentira original de uma “França vitoriosa” havia de construir-se o mito de uma “França resistente”

(168-169);

A chegada de uma nova geração na esteira da revolta estudantil de maio de 1968 contribuíra também para abrir um novo espaço de confrontação em torno das memórias da Segunda Guerra mundial. A contestação estudantil da autoridade, da rigidez dos costumes e de um sistema muito conservador visava também uma geração que tolerara o intolerável: Vichy (182).

Logo, o casamento de Volker e Josiane foi interpretado como sendo uma aliança que punha fim a desconfianças imemoriais, mas que enterrava também as más consciências e os comprometimentos de um lado e de outro do Reno: "'Tínhamos um pouco a impressão de estarmos a infringir as regras, desafiávamos esses ódios antigos, lembra a minha mãe. Era uma pequena provocação, o símbolo de um novo espírito europeu, era exaltante'" (183).

Mas Géraldine Schwarz vai mais longe no seu propósito ao alargar a investigação a outros países tais como a Itália, a Áustria e os países de Leste para ilustrar que a *amnésia* generalizada (que dá o nome à narrativa) está na base da ascensão da extrema-direita em vários países europeus, ameaça o consenso moral e o projeto europeu, assim como deita por terra todas as hipóteses de uma memória sadia para o Velho Continente:

É impossível os meus avós não se terem apercebido da propaganda antissemita que inundava as ondas radiofónicas, dos jornais e dos cartazes nos espaços públicos. Eles que se davam com tanta gente, nunca teriam ouvido contar que determinado médico, advogado, funcionário fora despedido após anos de leais serviço? Ou como teria uma mãe de família visto de repente a escola dos filhos escorraçar parte dos alunos, excluídos por serem judeus? (95).

Assim, pois, é toda uma Europa que é aqui apontada por ter geralmente fechado os olhos, pela sua passividade e a sua conciliação com o suposto "ocupante" na Alemanha, na Itália, em França, na Roménia, na Grécia, na Hungria, na Polónia e noutros países.

Contudo, a História conhece espantosas e simbólicas reviravoltas, como esses comboios de refugiados que a Alemanha reunificada, liderada pela chanceler Angela Merkel, aceitou acolher no seu território a partir de 2015 e que, *a contrario*, não deixam de evocar os que

levavam outrora os deportados através de uma Europa indiferente até aos campos de exterminação de Auschwitz e outros.

Assim sendo, *Les Amnésiques* [Os Amnésicos] pretende ser uma reflexão profunda sobre a História (ainda por demais) recente da Europa, mas sobretudo um alerta intensamente documentado acerca dos perigos e dos demónios que continuam a assombrar o nosso continente.

Antologia breve

Aquando da travessia do Atlântico, a bordo do barco que o afastava de uma Europa a sangue e fogo, pela primeira vez Julius [o judeu despojado pelo avô Schwarz] pôde relaxar da pressão que se apoderara dele sem tréguas durantes todos esses anos. Deve ter-lhe invadido um sentimento de profunda tristeza ao pensar que estava só a fazer essa viagem a que os seus se resignaram em último recurso com amargura, e que nunca pensara que se tornasse um dia num sonho inalcançável: estarem todos naquele barco, libertos do naufrágio da sua pátria.

in *Les Amnésiques* (2017: 77)

A postura de vítima do Reich prejudicou o trabalho de memória em Itália, tal como noutros países da Europa. A monstruosidade dos crimes nazis foi de tal ordem que permitiu aos demais crimes fazerem-se esquecer. No entanto, a Itália tem muitos massacres a pesarem-lhe na consciência de que nem sempre mede as consequências, e ela acaba por recalcar um elemento-chave da sua história: coligou-se de forma totalmente voluntária à Alemanha nazi, de que foi o primeiro aliado militar.

in *Les Amnésiques* (2017: 266)

No auge da crise dos refugiados, os países de Leste rejeitaram em bloco os migrantes, faltando assim ao seu dever de solidariedade no seio da União europeia. Uns atrás dos outros recusaram contribuir para a repartição por quota dos refugiados para aliviarem a enorme carga que pesava sobre a Itália e a Grécia: a Polónia apenas aceitava sírios cristãos, a Eslováquia desculpava-se por não poder receber muçulmanos com a desculpa de que não há mesquitas nesse país, e a República Checa fez saber que já tinha concedido o asilo a doze refugiados, e que isso já bastava.

in *Les Amnésiques* (2017: 331)

Bibliografia ativa selecionada

SCHWARZ, Géraldine (2017), *Les Amnésiques*, Paris, Flammarion.

Webgrafia crítica selecionada

https://www.theguardian.com/profile/geraldine-schwarz [último acesso em 07/02/2019].

https://www.youtube.com/watch?v=LjB3M_DCD9A [último acesso em 07/02/2019].

https://www.la-croix.com/Journal/Geraldine-Schwarz-plaidoyer-contre-lamnesie-2018-07-23-1100956920 [último acesso em 07/02/2019].

José Domingues de Almeida

Como citar este verbete:
ALMEIDA, José Domingues de (2019), “Géraldine Schwarz”, in *A Europa face a Europa: prosadores escrevem a Europa*. ISBN 978-989-99999-1-6. https://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbete/geraldine-schwarz-2/